

**REFLEXÕES
ACERCA DO OLHAR DE
WALTER BENJAMIN
A PARTIR DA
“EXPERIÊNCIA E POBREZA”
E “O NARRADOR”**

Ana Cláudia Serra Lôbo¹

Gustavo Adolfo d’Almeida Lôbo²

¹Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, graduada em filosofia licenciatura e bacharelado pela UECE e Advogada. Professora Concursada da Secretaria da Educação do Estado do Ceará e Professora Convidada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

²Historiador, Professor da Universidade Estadual do Ceará-UECE, Mestre em História pela UFPE e Advogado.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca dos ensaios “Experiência e Pobreza” e “O Narrador”, que se encontram em “Obras Escolhidas, v.1 Magia e Técnica, Arte e Política” traduzida em 1985, do escritor e filósofo Walter Benjamin, um dos principais comentadores dos movimentos culturais que marcam a passagem do século XIX para o XX. Benjamin escreveu, em 1933, o ensaio “Experiência e pobreza”, e em março de 1936, produziu “O narrador”, outro importante ensaio. Suicidou-se aos 48 anos (1892-1940), vítima da perseguição aos judeus promovido pelo Estado Nazista alemão.

Estes ensaios têm como objetivo refletir sobre o homem moderno, seu distanciamento da tradição, a desvalorização das narrativas e o empobrecimento das suas experiências, estes são pontos das diversas críticas trazidas pelo autor. Isto acontece, como forma de provocar no homem moderno uma inquietação e uma insatisfação. Fazer com que ele perceba o que de fato está acontecendo e se sinta incomodado e ao mesmo tempo capaz de fazer escolhas prospectivas, de mudança, com reflexos reais na sua vida e em toda sociedade.

Uma vez que a história é construída pelo homem, ela pode e deve ser reconstruída por ele, pois o homem não deve contentar-se em ser apenas um observador e contemplador da história. Ela, aliás, é vista por Benjamin como a história da barbárie e da exploração. Membro que era da Escola de Frankfurt, Benjamin percebe, em sua teoria crítica, que os bens culturais são despojos da dominação e que o sujeito do conhecimento história deve ser a própria classe oprimida que, combatente, supere o passado de dominação, redimindo as gerações passadas. O homem consciente de sua história é a peça fundamental de tudo, é um ser reflexivo e sujeito de ação. E na medida em que ele interfere nas questões que fazem parte da sociedade, como as questões sociais, políticas, econômicas e filosóficas, ele as altera e é também alterado por elas.

Palavras-Chave: Reflexão. Homem. Sociedade. Experiência. Pobreza.

Abstract: This article aims to present reflections on the essay "Experience and Poverty" and "The Storyteller" writer and philosopher Walter Benjamin. Reflecting on the modern man, his detachment from tradition, the devaluation of the narratives and the impoverishment of their experiences are some of the various criticisms brought by the author. This happens as a way to cause the modern man a restlessness and dissatisfaction. Make him realize what is actually happening and feel uncomfortable and at the same time able to make forward-looking choices, change with real impact on their lives and throughout society. Since, as the story is constructed by man, and it can be reconstructed for it. For man should not be content to be an observer and beholder of history. It is the cornerstone of all, is a reflective and subject be action. And in mediated he interferes in matters that are part of society, such as social, political, economic and philosophical, it changes them and is also changed by them.

Keywords: Reflection. Man. Society. Experience. Poverty.

No ensaio “Experiência e Pobreza”, de 1933, Walter Benjamin apresenta diversas reflexões acerca do homem e do mundo em que ele vive. O autor acende o sinal vermelho para a descaracterização de vários aspectos fundamentais humanos, perdidos ou esquecidos pelo homem moderno. Este homem que se reveste das condições atuais, do seu tempo, se contenta com o imediato e o fugaz, desvaloriza a caminhada percorrida pelos seus antepassados e a tradição composta disto.

Logo no primeiro parágrafo do escrito, o autor utiliza uma parábola, em que um velho moribundo revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos, em posse dessa informação, cavam a terra e nada encontram, porém, quando chega o outono, as vinhas produzem mais do que qualquer outra na região. Desta forma, os filhos percebem que a “felicidade não está no ouro e sim no trabalho” (BENJAMIN, 1985a, p. 114), diz o autor.

Nesta passagem, o que se apreende é o fato de que não se pode desprezar o conhecimento fruto da experiência dos mais velhos, aqueles que são ricos em experiências oriundas da caminhada percorrida, com muito a repassar, através das histórias contadas oralmente aos mais novos. Cabe a estes, com menos experiência, até pela própria idade, estar atentos aos ensinamentos desses verdadeiros sábios.

Benjamin utiliza narrativas alegóricas, como as parábolas, e também provérbios, para expressar suas ideias, seguindo a tradição cultural judaica, assim como Jesus na Bíblia. Ele faz isso para facilitar a aproximação entre as suas ideias e a compreensão do leitor. A sua preocupação é o alcance que o entendimento pode ter. Por isso ele recorre às palavras que estão na boca das pessoas, e as utiliza como ferramenta de reflexão e desconstrução do conhecimento posto e assimilado de forma mecânica e passiva, por ser prática, e por não dar trabalho para ser aceita e desfrutada.

O homem tem que perceber que tudo na vida tem um propósito, e as coisas não estão aí em vão. E o homem que se deixa ser manipulado por outro, consciente ou inconscientemente, paga um preço muito alto, e seus reflexos são sentidos por todos.

Isso é claramente realçado no texto “Experiência e Pobreza”, onde Walter Benjamin relata sobre os combatentes da Primeira Grande Guerra Mundial que, ao retornarem para suas casas, do campo de batalha, vieram emudecidos e mais pobres de experiências. O silêncio, o medo, o trauma, ocuparam o coração e a cabeça daqueles homens. Eles foram privados de viver as verdadeiras experiências. Aquelas que são vitais para o ser humano, as que fazem parte do cotidiano das pessoas, os relacionamentos, as conquistas e até mesmos as derrotas, as decepções. Quando essas experiências são retiradas das pessoas, o que sobra é muito pouco e difícil de ser compartilhado. Diz Benjamin que “na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado

silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiência comunicáveis, e não mais ricos”. (BENJAMIN, 1985a, p.115)

Segundo Benjamin, uma geração inteira foi afetada por uma nova realidade que se apresentou para ela. Assim, uma geração que ia a escola em um bonde puxado a cavalos se viu diante de uma realidade totalmente desconhecida e cruel, onde das nuvens do céu caíam explosivos destruindo tudo, inclusive o corpo minúsculo e frágil do homem. Esta geração teve suas experiências cruelmente afetadas e até mesmo reduzidas. O momento da guerra foi de angústia e sofrimento para aquelas pessoas, pois, vidas e sonhos foram interrompidos, caminhos foram desfeitos e as sequelas da guerra se arrastaram por anos, afetando as gerações posteriores.

Enfim, a experiência da guerra não trouxe, concretamente, nada de felicidade para o homem e os seus reflexos puderam ser sentidos, pelo menos, nos dez anos seguintes, tendo atingido não só a vida das pessoas, mas a sociedade em geral, inclusive o mercado literário. Os livros que tratavam sobre a guerra eram vazios de experiências populares, sem o recheio concreto da história. As histórias que são transmitidas de boca em boca, ricas de conhecimentos, experiências e com cheiros, cores e luzes, foram aos poucos desaparecendo daquele contexto social.

Desta forma, deve ser ressaltado, que as pessoas que são submetidas à guerra, à fome, às péssimas condições de vida, à falta de moral e de compromisso dos seus governantes, dentre outras situações, são pessoas que vivem à margem da sociedade, à margem da felicidade. Estas pessoas têm seus direitos violados, sua dignidade desrespeitada e suas experiências comprometidas ou afetadas.

Então, para Benjamin, a experiência está ligada ao acúmulo de conhecimentos que uma geração transmite à outra. Isso pode acontecer por meio de histórias, parábolas, provérbios, fábulas. Isso acontecia de forma natural por haver uma ligação direta entre as duas gerações. Ocorre que, com o passar do tempo, com o avanço da tecnologia, com a massificação da cultura, e devido outros aspectos que foram fazendo parte da vida do homem moderno, este se afastou de vez da sua própria experiência, ficando preso ao mundo de fantasias e ideologias, produzidas para manipular, para direcionar as massas.

A conexão do homem com a tradição e com o atual foi afastada ou até mesmo interrompida, comprometendo e mudando drasticamente a sua maneira de pensar e agir. Segundo Benjamin, é exatamente aqui que nasce no homem uma nova miséria, aquela ligada ao desenvolvimento da técnica. Diz Benjamin que “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”. (BENJAMIN, 1985a, p.115)

Mas como pôde o homem perder sua capacidade de se ver, de se perceber e de reconhecer a si como alguém que está no mundo para refletir, para contribuir, para criar, para construir e para seguir o rumo da sua história de forma livre? Isso não aconteceu de

uma hora para outra, esse trabalho já vem de longe e o que é atual é apenas o reforço disso. Não surge, então, uma técnica totalmente inovadora e que levará o homem para sua plenitude e felicidade. O que surge é meramente uma “renovação” da astrologia, da ioga, da quiromancia, do vegetarianismo, do espiritualismo, enfim, como diz Benjamin “...não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização” (BENJAMIN, 1985a, p.115). É apresentado ao homem fórmulas e meios para que ele fique satisfeito, pelo menos, superficialmente.

São ilusões estas técnicas que chegam para o homem não de forma pura, como uma renovação autêntica, mas sim galvanizadas, com falso brilho e com um revestimento frágil, com uma camada fina, sem durabilidade, que não suporta o tempo. É necessário que o homem perceba que o que de fato é crucial para ele, é ele mesmo. As técnicas supracitadas não o mudam, não trazem a verdadeira transformação, elas trazem para o homem algo superficial, como uma crosta, um conforto aparente, apenas. Isto faz com que o homem fique mais pobre de experiências, o que retira dele a capacidade de fazer narrativas dos fatos e de transmitir as histórias, tornando-o pouco mais que um autômato, fácil de ser controlado e conduzido a fazer o que querem os ideólogos deste mundo mercadológico que atribui ao homem tão somente duas funções: ser parte da estrutura que produz e consumidor do que é produzido. Para tais funções nada é melhor que um homem que não sabe de si a não ser o que lhes dizem as leis do Capital e a lógica do mercado. Tal situação desvincula o homem à sua herança, ao seu patrimônio cultural, pois o leva a “trocar tudo pela moeda miúda do atual” (BENJAMIN, 1985a, p.119).

Para Benjamin, a tecnologia e o ser humano se confundem dentro de uma relação de dependência. Ele cita, no ensaio “Experiência e Pobreza”, o camundongo Mickey, como fruto da tecnologia e da imaginação do homem. O personagem de animação representa um universo onde tudo é possível, onde há uma saída fantástica para todos os problemas. A imagem do Mickey está ligada a milagres, e isso é um dos sonhos do homem contemporâneo, que muitas vezes se vê e se reconhece nos episódios vividos pelo Mickey, ou melhor, o homem contemporâneo esquece, ou desconsidera que o Mickey é um desenho animado, que não tem vida e vontade própria e que, depende do próprio homem e da tecnologia para existir, sendo resultado da imaginação humana.

A verdade é que as sociedades modernas não dão o devido valor às experiências do homem e a perpetuação disso, uma vez que estão enclausuradas em um consumismo desenfreado, utilizado como forma de salvação ou aquietação da alma pelo projeto tecnológico da modernidade. E isso é totalmente diferente do que acontecia nas sociedades tradicionais, onde as pessoas, através dos épicos e das narrativas, preservavam a sua tradição, sua experiência e sentiam-se parte delas.

Os jovens paravam para ler ou ouvir as histórias, os conselhos e as experiências das pessoas mais velhas, por reconhecer nelas uma grande oportunidade de conhecimento e de ampliação de suas experiências. A ausência da mediação, da tradição

aos nossos dias, deixa claramente a sociedade contemporânea mais empobrecida de experiências e ocasiona um declínio e um distanciamento entre o sujeito e a sua cultura. Então, a falta de compartilhamento das referências culturais e simbólicas, compromete a sociedade contemporânea e afeta a preservação dos valores e sentimentos que a vincula à sua tradição.

A pobreza de experiência, que não é somente material, mas também moral, é algo que se estende e afeta não só a uma pessoa ou um grupo, ela alcança toda humanidade. Para Benjamin, é questão de honradez revelar que a pobreza de experiência, não é mais privada, e sim de toda humanidade. E o resultado disso é o nascimento de uma nova barbárie.

Para Walter Benjamin, a nova barbárie é a pobreza de experiência, ou a incapacidade de transmitir experiências, que não é mais privada, de uma pessoa somente, ou de um grupo, mas sim de todos nós, da humanidade inteira. Quando diz que “trocamos tudo pela moeda miúda do atual”, ele alude à cegueira da modernidade para o que é realmente imprescindível à felicidade do homem e alerta sobre a negligência com a memória dos valores da tradição. A cultura sucumbe a uma inversão de valores. Diante dessa cultura transformada em barbárie, Benjamin lança mão de uma estratégia: perceber a barbárie como um ponto zero a partir do qual se pode recomeçar com pouco. Assim o homem pode reconstruir o mundo, sem olhar para um lado ou para outro, seguindo para frente, construindo uma nova história.

A experiência que Benjamin aduz é a real, a concreta, é aquela vivenciada por cada um e repassada de uma pessoa a outra cotidianamente. E uma maneira de isso ser feito é através da narração. No ensaio “O Narrador”, de 1936, o autor alerta sobre o fato de não existir mais, nos dias atuais, os verdadeiros narradores. Diz Benjamin que “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais”. (BENJAMIN, 1985b, p.197)

O narrador encontra-se distante ou até mesmo extinto do mundo moderno capitalista, pela escassez da experiência, uma vez que, a ausência de narrador é o reflexo da pobreza de experiência. Ora, de fato a experiência e a narrativa estão obviamente ligadas, e se uma está desmoronando, a outra também estará. Benjamin detecta o processo de despersonalização da cultura e a crise dos valores éticos e morais de sua época, o que resulta na decadência do gênero literário da narração. Outro fator de grande relevância, para o declínio das narrativas, é o surgimento do romance burguês, como bem aponta Benjamin:

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopéia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao

livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa — contos de fada, lendas e mesmo novelas — é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 1985b, p. 201)

O romance surge, na modernidade e ganha forma e força com a imprensa. E é esta mesma imprensa que irá dar espaço para a publicação dos livros impressos e para a divulgação das informações. As informações irão ser repassadas para as pessoas de forma automática, sem reflexão nenhuma e de acordo com o olhar de quem as faz. Surge, então, a informação imediata, totalmente interessada, voltada para atender ao grupo ou à classe que a produz.

Todos os dias as pessoas recebem informações de várias partes do mundo, notícias fresquinhas de hoje que amanhã não servirão para mais nada, sendo substituídas por outras. O prazo de validade da informação é diário e as pessoas a consomem mecanicamente, se distanciando não só das narrativas, mas, do próprio pensamento crítico, reflexivo, criativo e individual. Aduz Benjamin:

[...] é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. (BENJAMIN, 1985b, p. 203)

A narrativa, nem de longe pode ser comparada ou alcançada pela informação, pois, ela possui luz própria, e é iluminada pelos espíritos de quem narra e de quem escuta. Na narrativa se encontram as marcas e cores do narrador, uma vez que vem carregada de subjetividade, cultura e sabedoria. Segundo Benjamin:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de arte — no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em

seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1985b, p. 205)

Então, conclui-se que é necessário que o homem faça reflexões acerca da importância das narrativas e suas diferenças em relação a mera informação, também é necessário que tenha um novo olhar sobre as coisas e sobre as pessoas, e, a partir daí, que ele perceba ser capaz de se conectar com o seu tempo, sem desprezar a caminhada dos seus antepassados e começar de novo. Fazendo uso da inteligência e das suas habilidades, o homem pode criar um mundo melhor, no qual as pessoas consigam viver bem, e se reconheçam como integrantes da sociedade. O homem é sujeito da sua história, tem papel antropológico, social e filosófico. Sendo assim só ele é capaz de compreender e modificar as questões humanas que fazem parte da vida privada e social.

O homem também não pode se contentar com a pobreza da repetição, sem autenticidade, sem registros, como o que acontece na cultura do vidro. Walter Benjamin apresenta no texto “Experiência e Pobreza” casas de vidro. E o que são os vidros? São peças móveis que se ajustam em qualquer lugar. Também é um material duro, liso, frio, sem aura e que não esconde nada. Então, a cultura do vidro representa essa pobreza de experiência que o mundo capitalista apresenta. Construções sem criatividade, sem as marcas do homem.

A cultura do vidro, assim como a imprensa, leva a reduplicação. O homem se distancia das experiências, por comodidade ou por alienação. A cultura do vidro é pobre, sem curiosidades, sem desafios, faz com que o homem não deixe rastros sobre a terra. É como se a história humana não tivesse marcas e pesos. E isso é terrível, pois a cultura do vidro faz com que o homem não construa arte, não registre suas pegadas, sua história. Isso o deixa mais pobre de experiências e compromete o legado que será deixado para as futuras gerações. Como bem expõe Benjamin, “Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade.” (BENJAMIN, 1985a, p.117).

Se for feita uma comparação entre o homem moderno e o vidro, ficará demonstrado que, assim como o vidro, o homem está perdendo a capacidade de fixar sua história, de reconhecer sua identidade cultural, de se comprometer com o outro. Do mesmo modo que no vidro nada se fixa, assim também são os homens com seu individualismo acirrado: não se preocupam mais com o outro, fazendo com que seus relacionamentos sejam frágeis, fugazes e sem compromissos.

A modernidade parece querer extinguir a experiência de vez quando o vidro se impõe como material de construção. Conquista tecnológica da humanidade, o vidro não permite a privacidade - é inimigo do mistério, e, concordando com Scheebart, criará um novo homem. Essa humanidade criada a partir da casa de vidro não valorizará os

vestígios, nem qualquer outra forma de herança que uma geração possa deixar à outra, uma vez que o vidro não permite fissuras entre o exterior público e o interior privado – antigo reduto burguês; um mundo de bibelôs, franjas e cortinas que notabilizava o espaço da burguesia.

O vidro transparente a tudo expõe, mas é frágil, quebradiço, transitório, uma alegoria para a condição passageira de tudo que há. A cultura tradicional e a experiência das gerações passadas perdem-se diante da condição efêmera desta nova sociedade e do homem que ela quer produzir, e produz; um ser controlado por desejos e valores que não são seus, mas de uma entidade – o mercado, cujos fundamentos são o pragmatismo das ações, o imediatismo dos resultados e a superficialidade dos sentimentos.

Por fim, é necessário que o homem se perceba humano, ser que pensa, que age, que tem alma, sensibilidade e coração. E que apenas ele pode mudar o rumo da história, uma vez que, nunca pode perder de vista que o conformismo e a passividade conduzem a humanidade para um mundo injusto, desigual. É uma balança torta que sempre pende somente para um dos lados. Quando o homem se contenta com o que sempre é apresentado para ele, sem reflexão, sem consciência e o assimila de forma mecânica, ele paga um preço alto e os malefícios recaem sobre as cabeças de todos. O resultado disso é nefasto, vem de forma concreta e pode ser visto a olho nu por qualquer um, pois é a fome, é a exclusão, o sofrimento, a perseguição, enfim, tudo que retira do homem sua dignidade, sua paz, sua satisfação, sua plenitude, sua humanidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: Obras Escolhidas 1. Magia e Técnica. Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

_____. **O narrador**. In: Obras Escolhidas v.1. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

CALLADO, Tereza de Castro. COUTINHO, Hilda. **“Condição humana e Efemeridade: Análise da perda da experiência em Walter Benjamin à luz do conceito freudiano de repetição”** in: Cadernos Walter Benjamin N. 14 Jan-Jun 2015, acessível no site: http://www.gewebe.com.br/pdf/cad14/caderno_10.pdf. Acesso em: 28 mai. 2016.

SALES DA PONTE, Carlos Roger. ANTUNES, Deborah C. **Nós, os Bárbaros! Reflexões a partir de “Experiência e Pobreza”**. in: Cadernos Walter Benjamin N. 15 Jul-Dez 2015, acessível em: http://gewebe.com.br/pdf/cad15/caderno_07.pdf. Acesso em: 05 jun. 2016.